

A LITERATURA NATIVA DA MULHER GUARANI_MBYA:

Jera Giselda

THE NATIVE LITERATURE OF THE GUARANI_MBYA WOMAN:

Jera Giselda

Adriane Aparecida de Souza Mahl Mangaroti¹

Rosana Iriani Daza de Garcia²

Resumo: A literatura nativa e sua produção feita pela mulher indígena é o tema central do presente artigo, seu objetivo é identificar as representações socioculturais nos contos de Jera Giselda do livro “As queixadas e outros contos guaranis” (2013). O povo estudado foi Guarani-Mbya, nota-se que esta obra foi premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) no ano 2014. Com este recorte, a análise dos contos procura oferecer, outra visão dos grupos socialmente tais como: indígena e mulher. Pretende-se conhecer o universo sociocultural do indígena e os preconceitos que a escrita indígena sofre ainda na atualidade. A metodologia utilizada foi totalmente documentária e bibliográfica. Tem-se como conclusão que a memória é a base das representações socioculturais deste tipo de literatura e a leitura da mesma minimiza os preconceitos socialmente ensinados para com a mulher indígena.

Palavras-chave: Literatura nativa; Cultura Guarani; Memória.

Abstract: The native literature and the production made by their women is the topic of this article wich is also having the objective of identifying the sociocultural performances mentioned in one of the jera giselda stories: “As queixadas e outros contos guaranis” (2013).the educated dynasty was guarani-mbya and the exemplar got prized in 2014 by the national book foundation for children and youth. With the analizys of the stories we introduce another vision of marginalized groups including indigens and women while pretending the knowledge of sociocultural universe of them and the prejudices that their own scriptures are still suffering nowadays. The procedure performed during our research was based on bibliography and documental reviews. Finally we concluded that memorie is the base of sociocultural performance in this type of literature and itself readings minimize the social concepts showed through out the native woman.

Keywords: Native Literature, Guarani Culture, Memories.

¹ Graduada em Letras/ Espanhol pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- UEMS, possui Segunda Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados- UNIGRAN. É Especialista em Educação Especial (UNIVALE) e Docência EAD (UNIGRAN). Mestra em Literatura e Práticas Culturais pela Universidade da Grande Dourados- UFGD. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Estudos de Linguagens, da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS.

² Doutora em Estudos de Linguagens do PPGE/POS/FAALC 2022, com mestrado pelo Pós-Graduação em Letras da UFGD 2019, sua dissertação foi a primeira em espanhol na FACLE/UFGD e graduação em Educação e especialidade em Língua e Literatura Espanhola (Venezuela-2013) e tecnólogo em pedagogia (Venezuela-2011). Aprovou disciplinas do curso de Licenciatura em Letras-Habilitação Português/Espanhol na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS-Dourados) e atualmente cursa segunda licenciatura na terceira série do curso de Licenciatura em Letras-Habilitação Português/Inglês na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS-Dourados).

MANGAROTI, Adriane Aparecida de Souza Mahl; GARCIA, Rosana Iriani Daza de Garcia. A literatura nativa da mulher Guarani_Mbya. Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô. Palmeira dos Índios, v. 3, n. 1, p. 117-130.

Introdução

Este artigo mostra um estudo sobre a produção literária especificamente das mulheres indígenas de países de América do sul. Escolhemos³ o Brasil, por ser um dos países com maior índice de indígenas na América Latina, analisaremos as representações socioculturais do povo Guarani-Mbya nos contos de Jera Giselda⁴ e a importância desta literatura para a desconstrução de preconceitos. A seguir, a imagem da autora mencionada.

FIGURA 1- JERA GISELDA



Disponível em: https://autores.pandabooks.com.br/autor_ilustrador/jera-giselda/ Acesso em: 16 mar 2023.

Considerando a literatura nativa como base deste estudo, observaremos como essas narrativas nos permitem identificar representações socioculturais e fundamentalmente como esse escritor utiliza lápis, papel e imaginação para combater e defender os costumes, crenças e direitos de seu povo. Bhabha (1998) observa que, quando dois ou mais povos vivem em uma cultura diferente da deles, acabam incorporando costumes, crenças e outras coisas que lhes eram desconhecidas ou simplesmente exigem uma mente aberta para incorporar coisas novas em suas vidas, Esse tipo de evento é conhecido como hibridismo.

³ Usaremos o plural, visto que o estudo é de duas autoras e construímos o texto/artigo em parceria.

⁴ Jera Poty Mirim, ou Jera Giselda, é escritora, professora graduada em pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP), de suma importância para a literatura indígena. MANGARÓTI, Adriane Aparecida de Souza Mahl; GARCIA, Rosana Iriani Daza de Garcia. A literatura nativa da mulher Guarani_Mbya. Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô. Palmeira dos Índios, v. 3, n. 1, p. 117-130.

No caso do Brasil que tem uma fronteira com dez países diferentes, o hibridismo é um fenômeno histórico-social que ocorre principalmente em seus estados de fronteira, no passar dos anos de colonização e dominação, os índios foram submetidos por muito tempo e hoje seu grande desafio é encontrar estratégias para que seus direitos sociais, educacionais e de saúde sejam legalmente incorporados e possam ir além do papel, seja para alcançar a descolonização da mente de todos e tudo sem violência.

Por meio do programa indígenas do Brasil, vinculado ao Instituto Socioambiental (ISA), observa-se que o Brasil tem 238 povos indígenas que falam mais de 180 idiomas, o que nos permite pensar em uma diversidade cultural extremamente interessante, não só isso nos motiva a saber como esses povos viveram no passado, mas como os diferentes processos educacionais são atualmente desenvolvidos, levando em conta a parte linguística, entre essas mudanças encontramos uma lei onde diz:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e histórias brasileiras (BRASIL, Lei 11.645/08).

Conhecendo os benefícios que toda lei oferece aos cidadãos de qualquer país, achamos importante destacar que se trata de uma população que por muitos anos tem sido esquecida, como é o caso dos afro-brasileiros e indígenas, que merece um momento de atenção e acompanhamento. Os conteúdos incorporados nas escolas, como os que lidam com história e cultura indígenas, dão aos não indígenas a oportunidade de ter um pequeno contato com uma realidade diferente da deles, é isso que queremos dizer à minimização de preconceitos.

A literatura nativa

A prática da literatura nativa brasileira é muito recente, geralmente os tópicos sobre cultura ou costumes indígenas são divulgados por escritores não indígenas. Acreditamos que a importância deste artigo está inicialmente ligada a este ponto, uma vez que a literatura nativa é aquela que é feita pelos próprios indígenas e todos nós sabemos o que pode significar diante de uma sociedade com tantos preconceitos a inclusão dessa nova cultura em qualquer ambiente, já que não é um segredo que Daniel Munduruku ⁵é um escritor indígena brasileiro

⁵ É um escritor indígena, graduado em Filosofia, tem licenciatura em História e Psicologia, Doutor em Educação pela USP, e pós-doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Diretor presidente do Instituto UKA – Casa dos Saberes Ancestrais. Autor de 52 livros para crianças, jovens e educadores é MANGAROTI, Adriane Aparecida de Souza Mahl; GARCIA, Rosana Iriani Daza de Garcia. A literatura nativa da mulher Guarani_Mbya. Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô. Palmeira dos Índios, v. 3, n. 1, p. 117-130.

muito reconhecido e é um dos poucos que conseguiram entrar no mundo da literatura através das histórias de seus filhos.

FIGURA 2- DANIEL MUNDURUKU



Disponível em: <https://barco.art.br/people/daniel-munduruku/> Acesso em: 16 mar 2023.

Nós também temos outros e outros escritores e escritores de outros grupos étnicos, tais como: Graça Graúna, descendentes dos potiguaras, foi coordenadora de um projeto de especialização para a formação de professores indígenas no estado de Pernambuco; Eliane Potiguara, fundadora da rede Grumin de mulheres indígenas; Olívio Jekupe é um membro do núcleo de escritores e artistas indígenas e seu pensamento sobre o tema da escrita é o seguinte:

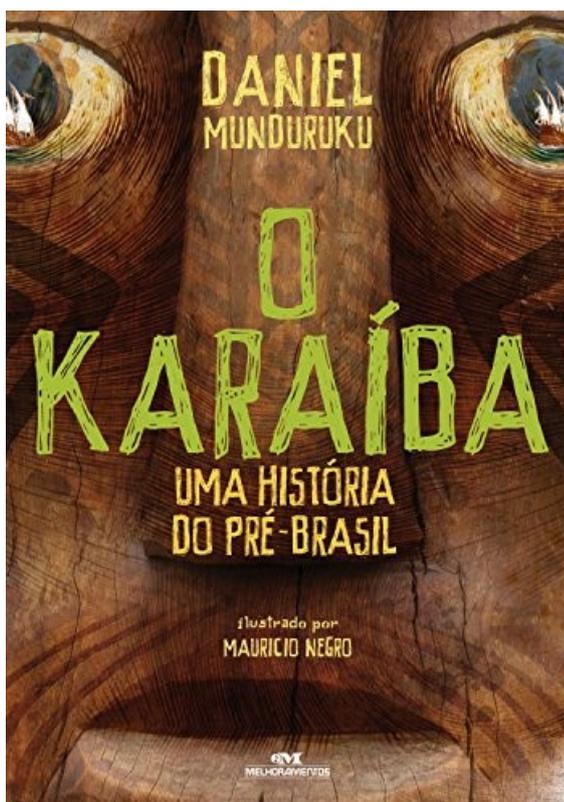
... quero incentivar minha filha, assim como já incentivei outros guaranis de nossa aldeia e outras. Temos que dar um apoio para quem está iniciando porque não é fácil uma publicação e não foi fácil para mim também [...]Se eu não tivesse começado assim talvez não tivesse chegado onde cheguei. (JEKUPÉ, 2009, p.13)

Em relação aos povos indígenas, deve haver processos de motivação para escreverem relatos de sua vida pessoal, já que são eles mesmos podem tornar sua cultura conhecida da maneira mais exata, podem identificar quais são os aspectos que podem ajudar pessoas não indígenas a entenderem parte de suas culturas, o que muitas vezes torna seus comportamentos diferentes daqueles normalmente usados pela sociedade. Se as crianças foram capazes de criar

Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República desde 2008. Em 2013 recebeu a mesma honraria na categoria da Grã-Cruz, a mais importante honraria oficial a um cidadão brasileiro na área da cultura. (Fonte: site Barca, s/d).
MANGAROTI, Adriane Aparecida de Souza Mahl; GARCIA, Rosana Iriani Daza de Garcia. A literatura nativa da mulher Guarani_Mbya. Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô. Palmeira dos Índios, v. 3, n. 1, p. 117-130.

o hábito não apenas da leitura, mas também da escrita, os povos indígenas, não só no Brasil, mas em qualquer parte do mundo, contribuirão para o trabalho de reduzir a exclusão que permanece viva por muitos anos. Os vários povos indígenas também precisam ter certeza de que, se é possível, eles têm as habilidades e a capacidade de escrever seus próprios livros.

FIGURA 3- O KARAÍBA



Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Kara%C3%ADba-Uma-Hist%C3%B3ria-Pr%C3%A9-Brasil-ebook/dp/B07FB1TCWM>. Acesso em: 16 mar 2023

Em relação a imprimir os livros, a dificuldade que surge em um editor estar interessado em publicá-lo, está presente para mulheres e homens que estão nascendo na área e muito mais para os povos indígenas que decidem assumir que um grande desafio, essa situação deve ser canalizada como uma equipe, trabalhando para conscientizar os diversos setores, que juntos podem apoiar uns aos outros e dar entrada nas literaturas do século XXI, aquelas que são escritas por mulheres ou por grupos considerados minoritários.

A escrita deve ser um direito para todos, independentemente da cor da pele, raça ou *status* social, que deve ser um meio de expressão onde qualquer um que acredite ter algo que possa servir como conhecimento para muitos tenha a oportunidade de compartilhá-lo,

sabemos que é necessário ter uma série de condições ou diretrizes para atingir sua qualidade, mas começar pode ser um bom começo.

Por meio dessa prática, as diferenças que existem entre os indígenas e não indígenas aqui no Brasil, não só podem ser cada vez menores, mas esse respeito faz parte da coexistência, conseguindo assim superar os modelos teóricos oferecidos pela ideologia Colonial disponibilizando a descolonização de mentes ou melhor, o que seria praticado o que Mignolo (2003) chama de pensamento liminar.

No que diz respeito à divulgação desses tipos de textos, é muito importante que os professores das escolas tenham sido instruídos sobre como trabalhá-los, possivelmente existam datas mais adequadas para trabalhar de forma profunda, com objetivos claros, procurados sempre que houver um avanço que contribua ao desenvolvimento no país, quando falamos de desenvolvimento nos referimos ao modo crítico de pensar de cada leitor, fazer estudos comparativos de literatura, aquele que permite discussões onde se ouve o pensamento de cada um permitindo conhecer diferentes culturas.

Neste artigo, nosso objetivo é oferecer alternativas para a educação na área da literatura e mostrar a importância que a literatura nativa pode dar para uma convivência saudável e respeitosa.

Quando escolhemos Jera Giselda, percebemos que estávamos analisando três aspectos muito interessantes, "escritora, mulher e indígena". Suas histórias possibilitam conhecer o universo sociocultural de seu povo guarani.

As representações socioculturais do povo Guarani em dois mundos

Para Ladeira & Matta (2004), os povos Guaraní-Mbya têm o hábito de cuidar da natureza, para eles é importante conservar rios, animais, terras. Cada elemento tem um significado para eles, por exemplo: ar, água ou vento, fogo. Isso nos faz pensar que essa sensibilidade poderia ser uma característica positiva para todo escritor.

É verdade que, nas suas aldeias, podem ser encontradas condições de vida que não são agradáveis para uma pessoa não indígena, e vice-versa. Nas ruas do Brasil talvez em alguns estados mais do que em outros, é muito comum vermos principalmente mulheres indígenas com crianças entre 2 a 6 anos e até bebês, vasculhando o lixo, seu transporte é de carroças com cavalos, muitas caminhadas a pé ou nas bicicletas, suas roupas são em sua maioria sujas, batem nas portas das casas pedindo comida.

Há também outro tipo de imagem dos povos indígenas, aqueles que decidiram se preparar e estudar para conseguir um emprego decente, em Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul, poucos indígenas têm interesse em cultivar ainda seus antigos costumes, ainda falam o idioma guarani e muitos sabem o guarani e também a língua portuguesa.

No Brasil, os nativos têm seu nome dado na época do nascimento e outro nome no registro brasileiro, já que nascem, é como se tivessem duas identidades, desde pequenos enfrentam dois mundos totalmente diferentes, onde linguisticamente sua luta é grande, a ponto de esquecerem sua língua materna "guarani" e acabarem prevalecendo o português.

Aqui, podemos perceber que o domínio não é apenas econômico, mas também pode haver um controle mental, onde, desde uma idade muito jovem, intencionalmente ou não, a mensagem é que você não tem liberdade para se expressar da maneira que se sente mais confortável, mas você deve se adaptar aos esquemas impostos por alguns para sobreviver.

Son los pequeños detalles los que muestran los grandes problemas o quizás las raíces de los mismos. En los cuentos de jera ella muestra las representaciones socioculturales de su pueblo, a través de seres que habitan en un universo donde se pueden transformar en Dioses o animales, eso creemos que puede ser debido al comportamiento que esa persona tenga, no existe barreras entre lo humano y lo sobre natural, (LANGDON, 1996).

Segundo Azevedo, Brand, Heck, Pereira, Melià (2008), a parte religiosa é muito interessante, em suas aldeias tem uma casa onde realizam suas orações, os ritos e crenças são feitos através de cantos e danças, são sempre orientados por uma pessoa idosa, conhecidos como anciãos, essas pessoas são consideradas as mais sábias ou mais especializadas. Para eles existe um mundo além daquele da terra, é o mundo espiritual, aquele que não é visto, mas pode ser sentido.

Para a etnia guarani, a palavra é considerada como a base da formação, é através de histórias contadas pelos anciãos que eles aprendem sua origem, sua cultura, suas lutas, ou seja, a oralidade é e sempre fez parte de sua formação como pessoa. Um aspecto relevante que talvez não seja observado nas pessoas não indígenas é que esse tipo de reunião familiar, onde pessoas de todas as idades frequentam, possibilita que elas tenham um contato físico e visual, muitas vezes, as famílias não indígenas não têm esse contato físico/virtual e as crianças mesmo muito pequenas já tem contatos a vários tipos de mídias sociais, seja o celular ou até mesmo o computador.

Nestes momentos em família, além de aprender os valores, eles se comunicam em sua língua materna, que com o tempo pode ajudá-los a não serem esquecidos, não há nada mais

difícil do que ter que aprender outra língua e também ser avaliado, de alguma forma, que pode ser um fator influente no desestímulo aos estudos, a diferença de idiomas e, por sua vez, a necessidade que eles impõem de ter que aprender a se integrar em diferentes ambientes. Sobre a literatura indígena, é possível observar que:

Agora, após séculos de saberes acumulados e também violentados, os povos indígenas do Brasil escrevem em suas línguas nativas e em português, o que escutam em suas aldeias, o que dizem suas memórias, falando de dentro da história. Publicam livros, declamam poesia, exibem seus filmes, fazem transmissões ao vivo nas redes sociais, atualizam os podcasts, se comunicam pelas rádios ou trocam informações nos sites que planejam em grupo. Números crescentes na produção literária e cultural indígena podem conferir novas possibilidades de realidade, tanto para os povos quanto para os não indígenas, numa chance de conhecer e de se aproximar da realidade histórica nacional. A literatura nativa indígena pretende despertar no leitor interessado mais uma visão sobre seu país e também registrar suas memórias orais, suas experiências de vida para as próximas gerações. São escritas de um passado quase apagado da história, capaz de demonstrar comportamentos sociais, culturais, filosóficos, políticos, educacionais e ambientais que ultrapassam o presente, o futuro, ou até o conhecimento formal. (CARVALHO e SANTOS, 2023, p.6).

Jera usa suas histórias para ensinar suas histórias de uma maneira diferente, ela decidiu ir de oral para escrita, então pelo menos ela garante que tudo no papel poderá ser ensinado, lido ou aprendido por tudo aquilo que tem interesse ou gosta de ler, não importa mesmo se ela é ou não, o que está em sua mente estará vivo por toda a eternidade, é também um exemplo para outras mulheres, mostrando que não há distinção quando a necessidade está no coração e a coragem de fazer sua voz ser ouvida, temos certeza de que há muitas mulheres que desejam compartilhar experiências positivas ou negativas, experiências que podem ser a saída dos problemas de outras mulheres.

Jera Giselda e a perspectiva de gênero

No início dos anos 80, Shapiro percebeu os problemas conceituais que era separar gênero e sexo:

Sexo e gênero servem a um processo analítico útil, opondo-se a um conjunto de fatos biológicos, a um conjunto de fatos culturais. Se eu quisesse ser escrupuloso no uso dos termos, usaria a palavra sexo apenas quando falasse sobre diferenças biológicas entre homens e mulheres, e usaria o gênero sempre que me referisse às construções culturais e psicológicas que são impostas a essas diferenças biológicas. (SHAPIRO, 1981, p. 33).

Para muitos, sexo é o que define sua identidade, mas atualmente há um conflito com essa questão, aqui no Brasil você pode ver milhares de casos de travestis, pode até dizer que

os conflitos de nomes são muito comuns nesses casos, quando mencionamos este aspecto é para se referir a nossa identidade que por sua vez é construída por muitos elementos.

Quando uma pessoa é registrada com um nome e sobrenome, ela é uma representação de uma cultura, de costumes, de uma crença. Para os indígenas aqui no Brasil é obrigatório ter uma identidade dupla, isso pode ser visto ao longo da história.

O tema da identidade dos guaranis, estudado desde o século XVII na América, os índios guaranis, através do batismo católico, realizado pelos espanhóis, teve que negar seu nome nativo. Agora, no século 21, a situação persiste nesse caso pelos portugueses (GRÜNBERG, 2016).

Temos como exemplo, o caso da protagonista do nosso artigo, seu nome nativo é: Jera PotyMiri, nome dado por Xeramoí José Fernández aos oito anos de idade, no entanto, ela também tem um nome em português: Giselda Pires de Lima e por decisão própria, ela assina seus livros como Gielda Jera. Parece que, em um caso como este, é complexo identificar uma pessoa que tenha praticamente três nomes. Atrás de cada nome você pode encontrar uma história.

Se falamos de um país que aceita a diversidade, que está aberto a mudanças, que acredita que é possível respeitar as diferenças, como é possível que você possa ver casos parecidos com o desse escritor e não há meio ou agência que impeça isso tipo de situações.

Não temos dúvidas de que os povos indígenas lutam para viver dentro de seus costumes e que suas crenças são respeitadas, e um bom começo para mostrar que isso é verdade poderia ser deixar seus nomes originais permanecerem com eles. Giselda Jera tem o privilégio de falar duas línguas, sua língua materna é o guarani, mas fala bem o português, mora na aldeia indígena Tenonde Pora, localizada na zona sul de San Pablo.

Uma das razões que nos levaram a estudar sobre a literatura nativa de autoria feminina, foi a baixa participação de mulheres indígenas na publicação de livros, geralmente são homens que aparecem como autores de livros que por sinal são selecionados para serem estudados em as escolas.

Depois de muita pesquisa, conseguimos encontrar um livro muito colorido e interessante intitulado “*As queixadas e outros contos guaranis*” (2013), e uma coleção de sete contos da cultura Guarani, de cinco autores, GUARANI, Giselda, JEKUPE Olivio, KEREXU Maria, KUARAY, Leandro, KARAI, Luiz, obra literária premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) em 2014, onde estão as três histórias de La Jera, analisadas para este artigo: Oporanduja, ou sapo pidão , Ou Tukumbo e Uma moça que virou sereia.

Jera tem outra história escrita no livro: *Escritos indígenas*: uma antologia publicada no formato e-book, pela Editora Cintra, São Paulo, em 2013, onde participam dez escritores, proclamada pela UNESCO, a história se chama: Aldeia Jateu - Pytã e Karumbé (TekoaJateu-PytãHá'eKarumbé), também, participou como tradutora da língua guarani na história: A mulher que virou urutau (2011) de Olivio Jupupe e Maria Kerexu.

Quando consideramos que quem escreveu as histórias acima mencionadas não foi um homem branco com as características sociais que os escritores de qualquer país do mundo comumente têm, que não era um homem indígena que, apesar das dificuldades dentro do mundo literário pode existir, chama a atenção de como é possível que fossem as mulheres indígenas que conseguiram não só partir para parte do seu mundo pela eternidade, mas também decidiram ser diferentes, tanto das mulheres da sua aldeia como das outras mulheres. A coisa mais maravilhosa sobre esta pesquisa é fazer com que todos que podem ler este artigo entendam a importância que cada ser humano tem, independentemente do seu *status* social ou raça, cor ou altura.

Concordando com as palavras de Beauvoir, (1940) "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher". Talvez seja um ponto importante que, da perspectiva de gênero, de alguma forma, devemos entender que, simplesmente por ser mulher, suas condições de vida são ou serão mais fáceis do que as dos homens, todas sem exceção, temos coisas para contribuir, melhorar ensinar e por que não escrever em grandes livros apoiados por grandes editores.

Como observamos, as contribuições que Jera nos oferece são fundamentais para visualizar as narrativas reprimidas pela história dominante. Ela consegue vincular a cultura indígena da mulher guarani com a literatura nativa, a que permite mostrar o uso da simbologia indígena em sua narrativa como recurso para a representação do mundo guarani.

Como se isso não fosse suficiente, ela é uma mulher líder, que envolve um trabalho com pessoas não indígenas e sua aldeia, encarregada de defender os direitos de seu povo, garantindo que todos possam ter uma qualidade de vida, que todos os problemas de saúde possam ser fornecidos de fato.

Acreditamos que a literatura é capaz de abrir não só caminhos para o escritor, mas também permite ampliar o conhecimento de todos que leem, as mulheres têm a capacidade de suportar e persistir, o terrível problema das expropriações de terra.

Outro fator a ser mencionado é a violência que as mulheres indígenas vivem todos os dias é maior do que qualquer outro ser humano pode ter, como por exemplo, estupros de meninas de 13 e 14 anos que acontece frequentemente e muitas vezes não são noticiados na

mídia. Essas são as razões pelas quais mulheres escritoras e mulheres indígenas devem ser reconhecidas em todo o mundo, ou seja, é importante a mulher indígena relatar o que acontece em seu cotidiano, seus costumes e etc.

Considerações finais

De um modo conclusivo, é através de um livro que não só somos capazes de conhecer um mundo ou colocar milhões de lugares longe de onde estamos, mas também a vida de pessoas que talvez nunca conheçamos pessoalmente. A leitura ainda é uma estratégia de aprendizagem abrangente e muito importante para o desenvolvimento de qualquer país, se os editores conseguiram abrir espaço para o grupo que é considerado uma minoria, temos certeza de que tudo mudaria social e politicamente nos países do mundo. Sobre a literatura dos povos originários é possível verificar que:

A literatura indígena são os textos escritos, ilustrados e idealizados pelos próprios indígenas, de dentro de suas vivências, sejam elas nos espaços rurais ou urbanos, e sejam individualmente ou de autoria coletiva, em sua maioria estimulados e iniciados como forma de registro das histórias orais dos avós, avôs, anciões e conhecedores da história local onde vivem os autores dessa literatura. Acompanhando todo o movimento social e político indígena no Brasil, os impressos indígenas começaram a ser publicados no Brasil no final dos anos 1970. Eliane Potiguara, a primeira representante pública feminina, expôs o poema “Identidade indígena”, em 1975, como uma maneira de registrar sua trajetória e de sua família. Já o impresso pioneiro desta literatura foi em 1994 com a publicação do Todas as vezes que dissemos adeus de Kaká Werá Jekupé. O livro de Kaká Werá foi uma inspiração para as próximas publicações e traz relatos do autor sobre a suas vivências entre os dois mundos, o mundo da aldeia e o mundo branco (CARVALHO e SANTOS, 2023, p.6).

É indescritível o modo como os escritores indígenas, tão especiais e sensíveis, conseguem comunicar seus pensamentos, suas culturas e costumes, quão bela é a maneira pela qual valorizam a natureza e, ainda mais, sabem a importância que tem para suas vidas. A única coisa interessante e pode ser ter em suas mãos um livro que é escrito em dois tipos de línguas, que podem ser sentidas em uma única folha de diferenças e semelhanças, observando que o que importa não é a pessoa que escreve, mas o que pessoa tem que dizer.

Um ponto que deve ser levado em conta é a técnica que todo escritor deveria ter, especialmente quando se fala de um escritor ou escritor indígena, uma vez que existem muitos textos que já foram escritos por pessoas não indígenas e em várias entrevistas, foi demonstrado que existem diferenças na maneira de ver o mundo, de descrever os costumes que podem ser vistos nos desenhos dos livros em suas capas.

Há tantos fatores que influenciam o mundo da literatura, que paramos para pensar, quanto apoio pode ser dado às pessoas que sempre foram excluídas socialmente, que possivelmente não têm dinheiro para fazer uma publicação em uma editora privada.

Não pode haver dúvida, da transformação social que historicamente significa dar voz à população indígena, uma população que sempre considerou a oralidade como meio de comunicação e agora apresenta a oportunidade de ter escrito, uma fonte que faz com que as palavras prevaleçam e acima de tudo não pode ser esquecido ou alterado.

Com as histórias de Jera Giselda, procuramos contribuir socialmente não só aqui no Brasil, mas em todos os países onde eles têm a presença de homens, mulheres e crianças considerados “indignos”, do que qualquer um que considere importante ter um melhor país, onde a cada dia as diferenças não são motivos de desigualdade, mas de diversidade, pode fazer parte de um movimento que difunde esse tipo de trabalho, uma vez que:

[...] o significado não se encontra para sempre depositado no texto, à espera de que um leitor adequado o decifre de maneira correta. O significado de um texto somente se delinea, e se cria, a partir de um ato de interpretação, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos padrões estéticos, éticos e morais, nas circunstâncias históricas e na psicologia que constituem a comunidade sociocultural – a ‘comunidade interpretativa’, no sentido de Stanley Fish – em que é lido. O que vemos num texto é exatamente o que nossa ‘comunidade interpretativa’ nos permite ler naquilo que lemos, mesmo que tenhamos como único objetivo o resgate dos seus significados supostamente ‘originais’, mesmo que tenhamos como único objetivo não nos misturarmos ao que lemos. Do mesmo modo que não podemos deixar de lado o que somos e o que pensamos quando nos relacionamos com o mundo real, também não podemos ler um texto sem que projetemos nessa leitura as circunstâncias e os padrões que nos constituem enquanto leitores e membros de uma determinada comunidade (ARROJO, 1993, p. 19).

Com a divulgação deste artigo, temos a certeza que irá contribuir para sensibilizar qualquer leitor que seja capaz de compreender que existem fronteiras socialmente mais importantes do que aquelas que geograficamente separam países, essas fronteiras são mentalidades fechadas para mudanças, para transformações.

Para conseguir isso, nosso desafio será apresentar uma gama de recursos, técnicas e métodos que possibilitem viver entre a interdisciplinaridade e onde as diferenças fazem parte de nossa força como país, acreditamos que somente através da literatura poderemos tornar um mundo mais possível, harmonioso e aberto a conceitos como família, classes e grupos.

Observamos o papel significativo da mulher indígena na construção de uma literatura que aborde seja seus costumes, suas tradições, memórias, seja seus pensamentos, filosofias de vida, enfim que dê a visibilidade a essa mulher que muito contribui/ contribuiu para a construção da nossa nação e identidade nacional (até mesmo da identidade da América

Latina) e que por muitas vezes não teve a visibilidade, seja em personagens de obras de literatura ou até mesmo o devido reconhecimento como autoras/ escritoras.

Referências

ARROJO, R. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 2 ed, Editorial Siglo XX. Buenos Aires, 1949.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
BRASIL. Lei nº 11.645 de 15 de abril de 2008.

CARVALHO, E; SANTOS, R. Literatura Indígena: entre memórias. **Educação em Revista**, v. 39, 2023.

GRÜNBERG, B. **Mapa Guaraní Continental**, Bartomeu Melià. 2016.

GUARANI. Jekupe. Kerexu. Kuaray. Karai.. **As queixadas e outros contos guaranis**, São Paulo: Bela Vista, FTD S.A, 2013.

JEKUPÉ, K. **Literatura escrita pelos povos indígenas**. São Paulo: Scortecci. 2009.

JEKUPÉ. K. **A mulher que virou urutau**. Ilustrações: Taísa Borges. São Paulo: Panda Books, 2011.

LADEIRA. E **Terras Guarani no Litoral**: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós. São Paulo: CTI. 2004.

LANGDON, E. Introdução: Xamanismo -velhas e novas perspectivas. In: _____ (org.). **Xamanismo no Brasil**: novas perspectivas . Florianópolis: Editora da UFSC, pp. 9-37. 1996.

MELIÀ, B. **El guaraní conquistado y reducido. Ensayos de etnohistoria**. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos, Universidad Católica del Paraguay. 3ª edición ampliada y corregida.1993.

MIGNOLO, W. **Histórias Locais/Projetos Globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução: de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SHAPIRO, J. “Antropology and the study of gender”. En: E. *Langland* y W. *Gove* (eds), **A Feminist Perspective in the Academy**. Chicago: University of Chicago, p. 29-110. 1981

MANGAROTI, Adriane Aparecida de Souza Mahl; GARCIA, Rosana Iriani Daza de Garcia. A literatura nativa da mulher Guarani_Mbya. Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô. Palmeira dos Índios, v. 3, n. 1, p. 117-130.

SCHNEIDER, L. Vozes de escritoras indígenas das Américas: resistência em forma de verso no Canadá e Brasil. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 16, n. 3, p. 134-149, 2016.